



AMARNA

POR ABEL BOTELHO

A CONTECIA que Adriana nos seus matutinos passeios procedia agora por forma que quasi quotidianamente havia de vê-la o Matheus. Declinára até ao minimo habitual de cada anno a extensão das manhãs; cada vêz mais tardio era o romper do sol da envaginadura hiemal dos nevoeiros; e apesar d'isso a patricia figura da irmã de Jorge no parque era com o seu vestido branco invariavel commentario aos primeiros alvares do dia. Custava-lhe isso o esforço de violentas madrugadas, que, por serem um pouco fóra da razão e do habito, D. Mafalda Meyrelles não deixava de extranhar. Mas Adriana insistia — que realizava assim um grande prazer seu, que obedecia apenas ao espontaneo calor do seu desejo; e como, ao dizel-o, tomava a mais encantadora e convincente expressão o mysterio infixavel dos seus labios, e como, além d'isso, era sempre irreprehen-sivel o seu porte, e isentas sempre taes excursões de toda a leviana suspeita, as amora-veis advertencias dos paes logo amainavam, deixando limpo e livre avoejar o capricho da mimada creança.

O certo é que o Matheus raro sahia agora, de manhã, de casa em direcção á fabrica, que um momento não sentisse perto, rabejando pelos residuos soltos do matto, ou inundando os raleiros de arvores d'um fugidio clarão de alvorada, a linha já familiar d'aquella grande figura branca. E a dôce frequencia d'estas aparições, de principio

fortuitas, fazia-lhe bem, converteu-se n'um habito, n'uma das reclamações egoistas do seu querer. Tornaram-se-lhe em breves imprescindiveis; eram a antecipada benção do seu dia, a ablução matinal da sua alma. Já perturbado as procurava com amor; já não era senhor de tomar pelo carreiro que o conduzia á fabrica, sem que o senhoreasse o supersticioso receio de não vêr allumiando-lhe o caminho essa ephemera visão estreme-cida. . Foi por isso que, com o volver dos dias, elle agora antes de sahir, por mais mau tempo que estivesse, não se esquecia nunca de ir antes abrir a janella da sua casita de entrada que defrontava com o solar do Almargem. D'ahi erguia interessadamente ao massico quadrilongo a vista, a indagar se a janella da ultima saccada da esquerda já estaria aberta. Se estava, dava-se pressa em sahir; se não estava, aguardava religiosamente, marruaz, invisivel, que a verificação d'esse signal lhe garantisse depois fóra, no parque, a correspondente collisão da sua alma com aquelle meteóro fugaz e necessario. E tambem, antes que sahisse, olhava-se cuidadosamente, afeiçoava em erguidas projecções o bigode algodoado, escolhia gravatas, alisava o cabelo, punha, em summa, um ingenio garridismo, um escrupuloso esmero no trajar, a que d'antes era por completo rebelde o seu espirito. E os seus modos para com o pessoal da fabrica haviam experimentado igualmente uma modificação sensivel; como

Do novo livro (edição de Lello, do Porto) que Abel Botelho, romancista de imaginação potente e de observação reflexiva, agora publica sob o titulo que encima esta pagina, os SERÕES oferecem aos seus leitores o PRIMEUR d'um capítulo, onde um episodio sentimental, delicadamente filigranado, enfeixa a intenção geral do estudo que a obra desenvolve: a resistencia da actual sociedade artificiosa, convencional, enredadora contra o advento do moderno ideal naturalista, sinceramente generoso e confiado que procura remodelar o existente, senão destruil-o para edificar sobre novos alicerces de justiça ou de interesses. Por elle se podem aquilatar os primores de estylo e de conceito que o livro encerra.

se a piedosa tendencia do seu coração tivésse augmentado, e generoso quizésse repartir com os tristes e os humildes um pouco do clarão de felicidade que o inundava.

Ora aconteceu que um dia, já passado o Natal, o contramestre sahiu de casa no momento exacto em que na orla superior da pequena clareira, ali mesmo a dois passos d'elle, apontava resoluta e agil, talhada com um vigor de agua-forte no emolduramento negro do arvoredado, a dominadora figura de Adriana. Nunca, depois do breve colloquio com ella na fabrica, a tornára a encontrar; nunca mais a tivéra tão proxima de si. A inesperada apparição ensopou-lhe os nervos d'uma delicia infinita, immobilisou-lhe a expressão n'uma beatitude alvar. E logo lhe dava rebate na consciencia uma surda contrariedade... Tinha de lhe fallar forçosamente, a menos que não quizésse ser tomado pelo ultimo dos selvagens no conceito d'aquella creatura divina. Sim, fallar-lhe... E esta idea acobardava-o. O fogoso e audaz agitador, o caudilho vehemente das multidões, sentia toda a sua energia esbarrondar-se perante esta delicada figura de mulher. Tinha que a ir comprimentar, era forçoso; mas uma contractura instinctiva de defêza pregava-o no mesmo logar, fazia-o de ante-mão revoltar-se contra o desempenho d'esse dever banal.

Entretanto, depois d'uma hesitação, adeantou-se, de cabeça descoberta e apertou a tremmer a mão longa e branca que Adriana familiarmente lhe estendia. Ao tempo que balbuciava:

— Folgo immenso de ter encontrado v. ex.^a, para lhe dar finalmente contas da incumbencia que me fêz...

— O que foi?... — interrogou distrahidamente Adriana, espelhando nos olhos vagos um simulacro perfeito de alheamento altivo.

— A sala, lá em baixo, que v. ex.^a tão judiciosamente queria aproveitar...

— Ah, sim...

— Está prompta.

— Muito obrigada!

— E agora realmente... aguardo ordens... não sei que mais dêva...

— Nem mais pensei em tal... não se incommode. Verei depois...

E, dizendo e cortejando levemente, n'um movimento alto e brusco, quasi desabrido, Adriana sumiu-se entre o arvoredado, deixando vexado e aturdido o contramestre, que, na sua vírginal ignorancia da tactica feminina, agora se increpava violentamente, acoimando-se de desastrado, convencido de que a melindrara, certo de que se excedêra, e de que fôra talvez pela sua extemporanea dili-

gencia annullar para sempre aquella innocente embriaguez de cada dia.

Oh, como dolorosamente o trabalhou, todo o dia, toda a noite, esta aguda e terrivel suspeita! A cada hora, a cada instante, por entre o travamento dos negocios, no mais grave momento de suas preoccupações industriaes, o mortificante receio vinha e contra o seu querer insinuava-se-lhe no cuidado, empolgava-o, distrahia-o, tomava-lhe conta da vontade, era a tyrannica obsessão do seu espirito, fazia-lhe afflictivamente galopar no peito o coração. Que atormentados minutos, que duras e crueis alternativas de febre e desanimo, de remorso e duvida, aquella alma virgem de namorado sentiu então ballotarem-lhe, como um brinquedo infantil, as mais apartadas e fundas radículas do seu ser! Ora se odiava, como um renegado confesso, na abominação consciente da sua fraqueza; ora dôce e voluptuosamente se abandonava, no alado calor da esperanza, á contemplativa evocação da sua miragem, ao saborido dominio do seu sonho.

Por esta forma atropellada e incerta se lhe arrastou interminavelmente o dia. Com a morte na alma, esperou, esperou... Felizmente na madrugada seguinte a branca apparição não faltou ao programma habitual. Com uma pontualidade de astro, aos primeiros alvares da manhã ella ahi veio riscar, serena e rutila, por deante do Matheus, a imprescindivel trajectoria no abrazado céu do seu desejo. Mas sempre longe outra vêz, retrahida em meteóricas fugas, como um bolide perdido, vagamente accendendo apenas os intervallos das arvores, o saibro breve dos carreiros, no seu rasto ephemero, no fugidio desenho, sobre o carvoamento humido da manhã, da sua orbita de luz e de ternura.

Até que, — n'um lindo dia de inverno, como a felicidade brunido e claro, — tornou novamente o Matheus a defrontal-a perto, na pequena clareira que lhe circuitava a casa. E d'esta vêz a cavallo, igualmente sósinha, airosa e firme sobre um nervoso alação mordicando o freio com orgulho, mais fina ainda, mais adelgado e ennobrecido o busto ondeante dentro do seu negro vestido de amazona, quasi roçagando em prégas esculpturaes, a terra. Mal que ella sentiu apontar no limiar da porta o Matheus, saltou lésta do cavallo, com toda a apparencia de quem o não vira, mas por forma que elle a visse muito bem. E, com a mão direita nas rédeas, uns instantes circumvagou o olhar em volta, inquiritivamente, n'uma expressão que era um mixto de extranheza e de arrelia. Depois, na mais perfeita affectação de quem se suppunha só:



...de mãos incochadas formando estribo, junto aos pés de Adriana...

— Francisco! Francisco! ó Francisco! — a espaços exclamou.

Continuando, contrariada, vagamente afficta, a rolar pela orla da clareira os olhos sérios.

Viu-se o contramestre fatalmente obrigado a intervir. E vencendo a timidez, direito a Adriana, cortejando:

— V. ex.^a precisa de alguma coisa?

— Ah, o snr. Matheus! estava ahí?... — correspondeu logo ella, voltando-se, com a maior naturalidade. — Não o tinha visto, desculpe.

É, muito affectuosa, para lhe estender dois

dedos da mão esquerda, soltou por um momento a cauda do vestido.

Enardecido pelo acolhimento, o Matheus tornou:

— Se em alguma coisa lhe pôsso ser util...

Com um sorriso cortêz, Adriana continuava vagamente a olhar. O contramestre insistiu:

— Mas, por Deus! o que é que a afflige? .. Mande-me no que quizer!

— Sabe?... — disse porfim Adriana. — É que... a manhã está um pouco fresca de mais... e este maroto muito folgado! — Por um impulso da mão direita, que não largava

o bridão, sacudiu a cabeça ao animal, que fitou as orelhas de espanto. — Extranho-o hoje, fatiga-me. E arrefecêram-me os pés . . . Queria continuar o meu passeio, agitando-me toda, andando. Queria que o Francisco levásse o cavallo. É a única pessoa por quem elle se deixa conduzir á mão. Mas não o vejo!

— Vou chamal-o . . .

— Mas aonde? . . . Tinha ordem de me seguir; não posso saber onde se metteu. Ora esta!

E vergastava a saia com impaciencia. Por fim, como quem toma uma resolução, sacudindo os hombros:

— Bem, o remedio é eu seguir com o cavallo. — Fêz pausa e, novamente perplexa: — Mas como heide eu aqui montar? . . .

O Matheus, inlevadamente, cravou n'ella, n'uma grande concentração espiritual, os olhos, que illumínou um relampago jocundo, emquanto a mais dulcerosa emoção lhe pregava os labios, e se lhe ensopava a face n'esta pallidez de ambar que lustra os marmores antigos. Depois, sem ferir palavra, fitando-a sempre, adcantou-se, e com uma gentilêza medieval, de mãos incochadas formando estribo, junto aos pés de Adriana, galantemente, ajoelhou.

— Mas, snr. Matheus! o que é isto? o que é que o senhor faz? . . . — acudiu com vivacidade Adriana, levemente ruborisada, no mysterio infixavel dos seus labios correndo um risinho de triumpho. — Não tem geito nenhum! É o culpado foi aquelle Francisco. Parece impossivel!

E tornava a olhar impaciente o carreiro que conduzia ao solar. Mas o Matheus, sempre na mesma attitude, sempre sem arriscar uma palavra, alongou os braços como n'uma supplica, ergueu mais as mãos. A termos que finalmente Adriana, subjugada:

— Pois não tenho outro recurso senão utilizar-me da sua amabilidade. É um perfeito pagamento de occasião!

Agora, emquanto arpoava com a mão direita a forquilha, confiava o pé ao carinhoso apoio das mãos do Matheus, e formava o salto apoiando-se-lhe no hombro, o seu forte riso peculiar estalidou, crystallino, triumphante. É, ao cahir na sella:

— Muito obrigada!

Fustigou a garupa do cavallo, que partiu ás upas: ao tempo que o Matheus descia vagaroso á fabrica, preocupado e sombrio, vergado a uma mordente humilhação e olhando cauteloso em volta, como se houvesse perpetrado um crime.

A lembrança, o cuidado, o amoroso respeito de Adriana absorviam-n'o mais do que con-

vinha. Estava-se sahindo um piégas, quando tinha vindo para ali um revoltado. Phantasiára installar-se n'aquella fabrica para dentro d'ella tenebrosamente urdir, e fazer deflagrar depois por toda a cidade, um largo e providencial plano de vingança, e eis que arrelia-doras causas, alheias ao seu querer, se apostavam em contraminar-lhe o exforço, em baldar do seu ideal a febre ardente e generosa. Não tinha geito nenhum! De principio não dé-ra elle importancia áquella diversão innocente; parecia-lhe que em nada poderia tão inoffensivo parenthesis abrir continuidade na solidez estructural da sua obra. Mas com alvoroço reconhecia agora o contrario; tinha de pôr-se em guarda. Era forçoso parar. A acção entorpecedora e deprimente d'essa preocupação feminina reconhecia-a elle agora, quando tentava reagir. . .

A gente do Almargem, n'aquelle dia, achou-o como nunca brusco e intratavel. Cortou de longe a entrada, para evitar os pretendentes, atravessou rapido as salas, mudo e de sobreceño, quasi sem fallar a ninguem. Na officina das *mules* o encarregado, o velho Tobias, figando-o com difficuldade, chamando-o á parte, renovou as suas queixas contra o Lourenço; — que continuava sendo um calmeirão, um indisciplinado, um ralaço, não se fazia bem d'elle, custava muito a aturar. O Matheus mandou-o ir ao escriptorio, e summariamente, insensivel a rogos, inabalavel perante umas vagas nuvens de ameaça, fêz-lhe contas e despediu-o. E na fabrica ninguem mais n'aquelle dia o viu.

Encerrado muito cedo em casa, no meio d'essa atmosphaera de protecção feita pela condensação estratificada do seu pensamento, a sós com a sua consciencia, junto dos seus livros, protestou furtar-se por completo ao amavioso influxo de Adriana, couraçar-se contra essa voluptuosa fraqueza por onde tentava talvez o amor abrir traiçoeira brecha na sua alma.

Assim deu-se a evital-a, tomava cada dia por atalhos diferentes, entrava, sahia de casa a horas caprichosas; e foi com uma sincera retracção de contrariedade que, passados alguns dias, e quando á hora do descanso se dirigia a casa, no caminho elle divisou Adriana, sentada, muito attenta ao trabalho do jardineiro junto a um canteiro de flôres. — Vestia um sóbrio vestido inteiro, de guipura, toda em entre-meios de sêda levissimamente azul, que em diagonal partiam, muito juntos e paralelos, formando angulo, da cintura aos lados; tinha aos hombros uma pequenina capa de lã de camelo, com cabeçação *stuart*; e a sua vigorosa cabeça, nua e altiva no ar corçante, desdobrava com arrogancia no espaço

o rôlo farto e livre do seu cabello castanho. Agachado e curvo deante d'ella, o velho jardineiro sachava com cuidado, a desembaraçar e limpar as violetas do enxurro das ultimas chuvas.—Mal que a viu, quiz o Matheus retroceder, furtar-se, eliminar-se; mas era tarde... O jardineiro passára n'aquelle momento das violetas a cuidar das roseiras, mais acima; e os olhos de Adriana que, acompanhando-o se erguêram, dêram então com a linha rebarbativa do contramestre, a quem ella naturalmente despediu muito affavel, um convidativo sorriso.

Não havia remedio . Muito sério, devagar, o Matheus aproximou-se, cortejou, trocaram-se as saudações de habito, houve um trivial aperto de mãos. E logo Adriana, a desfrisar-lhe a hostilidade da attitude, advinhando-o:

—Mas que é isso?... Sempre sério, apprehensivo, sempre avergado ao trabalho!

—E' a minha obrigação...—redarguiu baixo o Matheus, de olhos á terra e sorrindo tristemente.

—Deixe um momento os negocios. Isso nem lhe faz bem... O proprio Deus descansou. A vida tambem é p'ra gosar.

—Cada um gosa a seu modo, minha senhora... —tornou com uma expressão singular o Matheus, com um frio de aço lampejando na sombria noite das pupillas.— Eu vou assim muito bem!

E dispunha-se a partir.

Mas Adriana interrogou-o ainda, mimadamente, com a mais dôce expressão nos olhos e um superlativo de graça no plexo central dos labios menineiros:

—Gosta de flôres?

Ainda arisco e duro, com philosophico desdem, o Matheus retrucou:

—Acho agradaveis... Lisonjeiam-me, uma ou outra vêz, a vista

—Sempre, não?...

—Só quando tenho tempo para attentar n'ellas.

—Não tem bom gôsto.

—E' que, habitualmente, a minh'alma é insensivel ás solicitações banaes do mundo exterior. Nem dou por ellas, creia-me! E, assim mesmo, ainda ás vêzes me preocupam mais do que eu quizêra...

—Não o percebo... O quê!? pois então perante um dia assoalhado, perfumado e lindo como o de hoje, n'uma hora como esta, não vê, sinceramente, não vê, não sente nada do que o rodeia?

E, dizendo, Adriana erguia e cravava com amor nos olhos sombrios do Matheus a azeitona avelludada dos seus olhos.

—O que é que eu hei-de vêr?... —sus-

pirou este alheadamente, já sem força para arredar-se d'alli, encolhendo os hombros.— Por exemplo, agora sei, cálculo que aqui mesmo em volta de nós desdobra victoriosamente as suas harmonias pagãs a Natureza... toalhas de luz, ondas de perfumes, um cabriolar estonteante de côres, as mais admiraveis symphonias de tons, fragancias, canticos. Mas que me fazem, que me importam a mim todas essas futilidades do exterior?... Tudo isso é para mim como se não existisse; não vejo, não sinto nada!

— Diz isso por *pose*...

— Não digo, não, minha senhora.

— E' uma original presumpção.

— E' a pura da verdade!

Adriana sentiu instinctivamente que não levava a melhor, no melindroso torneio em que se embrenhára; mas decidida a ganhar a partida, na sua querençosa altivêz estimulada, teve um saccudido desempenho, cheio de airosa decisão, e ergueu-se soltando este remoque de piedosa censura:

— Dir-se-hia que não tem coração!

— Conforme... —arrastou, sempre na defensiva, o Matheus.

— Não, isso é que não tem dúvida nenhuma! —Adriana insistiu.— Fracos são os meus conhecimentos, mas mesmo assim avalio muito bem que esta coisa da methaphysica é a região polar da phylosophia, pois não é?... — Abanava o Matheus negativamente a cabeça.— A abstracção é para o homem o que é para a terra o gêlo. Alma que no exclusivismo espiritualista se perdeu, refficou, morreu para a vida. . . e a sua, meu caro snr. Matheus, não está n'esse caso!

— Pôssô ser um espiritualista e sentir vivamente as coisas.

— Tenha paciencia, isso é que não pôde ser!

Insensivelmente, tinham os dois agora desatado a andar, lado a lado, vagarosamente, subindo irmãos e amigos o sinuoso declive do carreiro. E n'uma familiar insistencia, Adriana:

— O sr. vae rir-se d'este meu inquerito... mas é que eu sou naturalmente curiosa, ando ávida sempre de bons ensinamentos, e com os homens superiores é que é aprender.

— O' D. Adriana, por amor de Deus! — atalhou o contramestre, curvando-se, confundido.

— Bem, bem, deixemo-nos de falsas modestias, incompativeis com a tal sua pretendida isenção.. objectiva, e responda-me, como quem se confessa. Quer-me então convencer de que, sendo um homem sensivel como é, não ama, ou nunca amou? ..

— E' o caso de eu repetir: conforme... — tornou, sorrindo ironico, o Matheus.

— Não é com taes subtilizas que me escapa, — obtemperou com intimativa Adriana, alongando na sua imperiosa linha recta os cilios. — E' claro que me refiro ao amor por uma mulher.

— Deus me livre!

— Porquê? . . . — fez Adriana com decisão, parando.

— Porque o amor individual, — acudiu logo o Matheus, — é uma das fórmulas do egoismo, e como tal um sentimento bastardo e mesquinho, que degrada o homem . . . que é indigno de mim!

E lantado, firme e austero, deante d'ella,

— E ainda o senhor não quer que eu apregõe a exactidão d'aquella minha theoria? Veja bem em si mesmo *aplicando el cuento*. . . pôz-se de mal com as formas, os sons, as côres, e desterrou o coração para a Siberia!

— Devemos amar, sim! mas collectivamente, a humanidade em globo, com um fim util em mira . . .

— Que massada que isso era!

— Amar como Jesus amou . . . Por fórmula que o amor seja não só um estheniante prazer para nós, mas para os outros uma fonte perenne de felicidade, um bem, um estímulo. Podesse eu!

— Tem pensamentos estranhos, sabe? — balbuciou Adriana com carinhoso interesse. — E eu queria pedir-lhe . . .

— O quê, minha senhora? — acudiu solícito o Matheus, que, com galanteria curvado, desenrçava o vestido de Adriana d'um dos arbustos do caminho.

— Olhe que é uma coisa muito banal, muito comesinha tambem . . . Não se indigne!

— Versos n'um album? — disse, sorrindo, o contramestre.

— Não . . .

— E' que, se fosse . . . eu não faço versos, mas tenho um amigo capaz de desempenhar-se a primor d'essa missão catita, — E o Matheus pensava vagamente no lamecha e galhardo Valentim.

— Pois não, deixemos o seu amigo em paz . . . não se trata de versos. Mas quasi. — E com uma suavidade insinuante Adriana, parando novamente: — Oiça. Tenho um leque, um precioso leque de varetas de sandalo e panno de sêda castanha . . . muito grande, assim . . . E' das coisas que mais estimo. O panno tem apenas, a *gouache*, a um lado, um opulento lirio rôxo, pintado pela minha maior amiga. Ha portanto um grande espaço em claro. — E rematou, n'uma carinhosa supplica: — Não o dispenso de me escrever n'elle um pensamento seu.

Encantadoramente lisongeado, n'uma grata surpresa, o Matheus, embora attingisse bem a imminencia do amavioso laço que lhe armavam, dobrou-se n'uma humilde reverencia e murmurou:

— Quando v. ex.^a quizer . . .



...Matheus desenrçava o vestido de Adriana...

olhava-a com os seus implacaveis olhos de aço, fascinadoramente.

Adriana, porém, derivando por seu turno o bote, ria agora a perder, e com sarcasta expressão, reatando o passo:

— Bem, bem, logo lh'ò mando. Adeus! — E nos grandes olhos de Adriana passou um relampago victorioso, emquanto, alegre e donairoso, com o seu andar despachado e amplo, n'um instante se sumia por entre a rumorosa trama do arvoredado.

A' noite recebia o Matheus, das mãos do Francisco, e cuidadosamente embrulhado em papel de seda branca, um grande leque, que n'uma religiosa commoção foi immediatamente depositar, levado nas pontas dos dedos, sobre a sua mesa de trabalho. Em seguida accendeu o candieiro, fechou-se por dentro á chave, cerrou as portas de todas as janellas, lavou as mãos, e, sentado á mesa, passou a desembulhar com mil cuidados o precioso mimo. E por um requinte de voluptuosidade, rolando moroso o papel que lhe estalava nos dedos, demorava propositalmente a operação. — Era um bello artefacto de japonismo artistico, de longas varêtas lineares, afusando ligeiramente para o vertice, d'uma côr baça e uniforme, como a epiderme d'uma virgem judia rôfa e ardente, e todas abertas em allucinados recortes, filigranadas ao infinito em tenuissimas combinações, em caprichosos, em miniaturados arabescos, em dolentes e languidas figurinhas, da mais solta e alada phantasia. Aberto, a sêda tinha a mesma esmaiada côr uniforme, radiada apenas, na direcção das varêtas, de brunas maciêzas e mordicada de reflexos de ouro. E, ao abril-o, o Matheus sentiu que lhe tomava o aposento e lhe escalava perturbadoramente o cerebro um perfume extranho e capitoso, esse divino perfume do sandalo, cálido, enebriante, que parece feito dos mais irresistiveis filtros da seducção e que era como que a fixação aromatica, n'aquelle momento, da voluptuosa embriaguez que lhe embalava a alma... Lá tinha a um lado, effectivamente, á esquerda, um grande lirio rôxo, descahindo com graça da haste longa e delicada. O resto, que era muito, que era quasi tudo, estava limpo por completo. Era n'esse traiçoeiro espaço que elle tinha de agora escrever alguma coisa, — e esta idéa dava-lhe vertigens. Contrahira voluntariamente essa obrigação, havia de cumpril-a. Mas como descêra elle a similhante abjecção? . . . Que ignorado poder o transfigurára? que homem era elle? quem lhe anniquilára a vontade, o livre arbitrio, o brio? . . . Parecia-lhe uma monstruosidade moral tudo aquillo. Pela primeira vêz na sua vida se via a braços com a complexa solução d'um problema feminino; pela primeira vêz a sua alma de anjo prospecto soffria o dominio de outra alma, e, em vêz de revoltar-se, sopesava o jugo com delicia, bemdizia a sua humilhação!

N'uma perplexidade mordente, sem achar uma solução, sem atinar com uma idéa, o Matheus esquecia-se a abrir e a fechar o leque interminavelmente, acariciando-o entre os dedos tremulos. — Que havia de elle ali assim escrever, que fosse ao mesmo tempo austero e amavel, galante e sério? que nem desdissesse da decoração, nem fôsse indigno d'elle? . . . Nada, evidentemente não havia. Ou tinha de ser um atrevimento, ou uma baboseira. Estupido compromisso! — N'um repellão de impaciencia, largando o leque, levantou-se e abriu as portadas d'uma das janellas do poente, em cuja negra quadricula se lhe figurou logo, faulando, despertando-o de longe, o peneiramento luminoso, a corôa arrogante e jocunda que como uma exsudação de prazer aureolava, redonda e alta pelo ar, as sete collinas da cidade. Depois, acercando-se mais do peitoril, descortinou tambem ali mais perto, á sua esquerda, esse negro bairro de ignominia, a extensa e sordida collina em cujas lobregas profundêzas gemia e arfava compactamente, na promiscua podridão do monturo, na abominação e na tréva, uma população, uma raça inteira. Propuzêra-se elle trazer a luz, a prosperidade, a paz redemptora a essa infinita legião de lazarus, nivelar aquelle contraste, acabar com essas seculares infamias. Impuzêra-se tambem a si mesmo esta obrigação, a qual era anterior, a qual valia bem mais que todas . . . E era o que tinha a fazer. Tudo o mais eram ridiculas futilidades, improprias do seu character, excentricas ao seu destino.

Forte com esta resolução, tornou á mêsa, arremessou com rancor o leque para o fundo d'uma gavêta, afastou d'elle o pensamento com obstinação, com denodo. E n'esta emancipadora disposição adormeceu.

Porêem, no dia seguinte, ás primeiras noções nitidas do despertar, lá estava de volta com elle essa idea demoniaca. Sem poder dominar-se, foi direito á gavêta para reaver o leque; e, antes que o visse, denunciou-lhe a presença d'esse amulêto estremecido a mesma exalação cálida e forte, como que o seu halito perfumado. Era uma estonteadora emanção, feita de peccado e de sonho, era a essencia do Amor idealisada, suggerindo a morbidez sensual do Oriente, todo um mundo biblico de sublimados desvarios . . . como se o vulto singelo e ardente d'uma nova Sulamense tivêsse abatido ali as azas deslumbrantes, e abandonada, extatica, ungidã de oleos peregrinos, viêsse n'uma fascinação embebedar-lhe os nervos e abeberar-lhe a alma de doçura!

Todo o dia andou vibrando ao dulcido estímulo d'aquella impressão; todo o dia pro-

curou com afinco, baldadamente, uma idea. Porfim, á noite, vergado ao seu avassallador imperio, espalmou deante de si o leque sobre a mêsa, e um pouco ao sabor do acaso, n'um vago desgosto de si mesmo, com a mão a tremer, garatujou esta coisa desconchavada e incompleta:

«Amar é respeitar. . . Nas relações de homem para mulher, as mais áusteras formulas do respeito são muitas vêzes o collete de forças da alma. Na sua rigida abstenção dissimulam e condensam verdadeiros poemas, candidos, ferventes, de incondicional dedicação, de effusiva ternura.»

Depois leu, teve uma hesitação, datou, assignou, e n'um mais accentuado movimento de desgosto atirou o leque para o lado. E toda a noite foi para o torturado lyrico uma arrelia, um remorso, uma preocupação constante. Já depois de deitado, a miude se levantava, n'uma inquietação. . . vinha e accendia a luz, retomava o leque, abria-o, lia, re lia, mirava n'um desolado exame a sua obra. E ora tropeçava n'uma palavra, achava o pensamento lymphatico, desenxabido, réles; ora embirrava com a disposição graphica do que escrevêra, que teria ficado melhor, mais em diagonal, symetrico com o lirio, mais ao canto; ora era tambem a forma, o lançamento da letra que lhe desagradava, tremula e desigual como lhe sahira. . . e a tinta que não pegava n'uns pontos, n'outros empastára horrorosamente.— O maior dos fiascos, em todo o sentido! E sem emenda possivel!

Ao amanhecer, pouco depois de abrir a janella do seu quarto que olhava ao norte, viu em cima, na saccada do solar fronteiro, sôb os profusos ramos, ainda despídos, d'uma *glycinia*, o nobre vulto egypcio de Adriana, que, cortejando-o, lhe perguntou por gestos se já havia escripto. Significou-lhe o Matheus com a cabeça — que sim. D'ahi a minutos, entregava-lhe o leque.

Adriana, leu, com piedosa attenção: e ao cabo, n'uma inflexão recalçada, enternecida:

— Muito bem! Agradeço e comprehendo. . . — E no mais carinhoso dos gestos, fechando o leque e erguendo ao Matheus uns olhos de Madona: — Agora, fica assim!

Com ardilosa intenção, o contramestre observou:

— Ainda tem tanto espaço em branco. . .

— Engana-se! — acudiu vivamente Adriana, olhando-o sempre. — P'ra mim está cheio. . . Cheio de mais!

E com um d'estes sorrisos que vão direitos á alma, despedindo-se, a patricia filha dos Meyrelles afastou-se, demoradamente, com o airoso busto balanceando n'um jubilo envaidecido.

Mas era agora tambem o Matheus que, tomando por um ingenuo encanto de vaidade, se suppunha sinceramente o vencedor. — Não havia duvida! Aquella creatura de excepção e privilegio, vivendo lá tão alto, d'um sentir tão contrario ao d'elle, pela raça e pelo instincto sua inimiga, fôra ella que o procurára, que gradualmente descêra adonde a elle, que viêra com a fimbria do seu vestido branco illuminar a voluntariosa noite do seu viver. Com que fim, por qual sentimento? Não lhe importava. . . Fôsse por paixão, por jogo, ou por capricho, o certo é que fôra ella a demandante, n'aquelle curioso e imprevisito pleito sentimental. Limitára-se elle a deferir-lhe um pouco em seu favor; um dever trivial de cortezia. Mas nem aquelle episodio galante era de molde a perturbar a trajetoria tensa e honesta da sua vida. Nem por isso a sua consciencia tinha por que alarmar-se, ou que soffrer qualquer desvio deprimente a nobre orientação do seu destino. Uma candida illusão fazia-o sinceramente tomar por uma ephemera futilidade esse afogueante sentimento que, traiçoeiro e breve, lhe ia manietando a alma. E dizia-se: — Acabára, passou. . . Ella, sim, ella é que descêra. . . ella é que contrahira voluntariamente bem extranhaveis compromissos. Aquella patente predilecção por elle quem lh'a insinuou? quem a obrigou a declalar-a insistentemente no mysterioso velludo dos seus olhos? . . . Foi uma coisa absolutamente espontanea, foi o puro voto livre da sua consciencia, da sua alma. E votos d'estes, assumidos na perturbadora querença de todo o nosso ser, tomados e sellados na telegraphia galvanica dos olhos, são sagrados tambem, obrigam para toda a vida.

